

Proust : A Experiência Perdida e o Tempo Entrecruzado¹

Stella Penido*

A memória voluntária e a experiência interdita

É possível sustentar que o principal tema tratado por Proust não seja a memória, nem mesmo a memória involuntária.² Não teremos nada o que estranhar se, ao final deste ensaio, pudermos concordar com tal ponto de vista ainda que tenhamos percorrido outros caminhos. Ainda assim, a diferenciação entre as memórias *voluntária* e *involuntária* sugerida na *Recherche* de Proust talvez tenha sido a reflexão melhor explorada por seus leitores.

É possível que esta « descoberta », já tão profusamente comentada, nos leve a um certo silêncio das idéias. Poderíamos nos perguntar como podemos abordar a *memória involuntária* sem fazê-la cair no chão como uma porcelana em pedaços. Se a palavra não estiver adornada de suficiente sutileza necessariamente nos conduzirá aos cacos no chão. Neste caminho não teremos retorno, é vã a tentativa de reunir os cacos em busca do objeto perdido. De outra forma, se encontramos a palavra sutil corremos o risco de ser excessivamente leves e incapazes de construir um pensamento preciso, como necessita a filosofia. Alguém poderá nos dizer gentilmente que em Proust não encontramos conceitos.

Este é o risco de caminhar nos limites entre a literatura e a filosofia. Devemos, portanto, esclarecer desde já que privilegiaremos a leitura benjaminiana de Proust, e não a fidelidade às intenções proustianas.

* Do Departamento de Filosofia da PUC-Rio.

1 Este ensaio está baseado em um dos capítulos de minha dissertação de mestrado intitulada *O Caleidoscópio da Memória : Bergson, Freud e Proust na Filosofia da História de Walter Benjamin*.

2 Este é o ponto de vista de Gilles Deleuze, apresentado em seu livro *Proust e os Signos*, que considera a *Recherche* proustiana o relato de um aprendizado.

É no ensaio *Sobre Alguns Temas em Baudelaire*, escrito em 1939, que Benjamin nos mostra algumas vinculações da obra proustiana com temas presentes em Bergson. Proust teria colocado à prova a noção de experiência (verdadeira) bergsoniana através da construção de sua obra. A memória, segundo o ponto de vista bergsoniano, tem papel fundamental na relação entre espírito e matéria, e na preservação da *verdadeira experiência*.³

O ponto marcante em Proust é que ele busca a construção dessa verdadeira experiência nas condições sociais da modernidade. Segundo Benjamin, a *memória involuntária* de Proust está diretamente ligada à noção de *memória pura* de Bergson⁴ mas, ao mesmo tempo, marca uma divergência em relação a esta última.

Bergson nos leva a crer, através de seu olhar inspirado pela biologia, que a possibilidade de acolher a verdadeira experiência seja uma questão de escolha. Este é um aspecto que nos leva às considerações críticas de Benjamin sobre o modelo a-histórico e anti-histórico construído por Bergson.⁵ Se tudo não passa de uma questão de escolha não estamos levando em conta as reais condições sociais de vida na modernidade.

Esta interpretação de Benjamin é reforçada pela diferenciação sugerida por Proust quando caracteriza a memória involuntária como um acontecimento que não pode ser produzido a partir da vontade, por uma ação voluntária. Para Proust, resgatarmos um momento significativo que ficara esquecido no passado é uma situação que depende do *acaso*.

No entanto, [Bergson] sugere que o recurso à presentificação intuitiva do fluxo da vida seja uma questão de livre escolha. Já de início Proust identifica terminologicamente a sua opinião divergente. A memória pura — a *mémoire pure* — da teoria bergsoniana se transforma, em Proust, na *mémoire involontaire*. Ato contínuo, confronta esta memória involuntária com a voluntária, sujeita à tutela do intelecto.⁶

Ao contrário de Bergson, Proust sublinha a interferência do acaso no momento em que a memória involuntária se manifesta. A memória articulada à inteligência, que se produz por um esforço da consciência, é incapaz de trazer à tona uma impressão satisfatória — coberta de antigas sensações,

- 3 Segundo Bergson a verdadeira experiência é aquela que nasce do contato imediato do objeto com o espírito. Com isto, Bergson não tenciona nos dizer que se trata de abolir a mediação da consciência. Mas sim, garantir que a consciência seja capaz de observar as diferenças qualitativas presentes na realidade bem como colocar os problemas em função do tempo. Deste modo, Bergson fundamenta sua crítica à noção de experiência que foi reduzida à concepção científica.
- 4 Seria mais correto vinculá-la ao conceito de *memória-imagem* pois, como nos mostra Bergson em seu livro *Matéria e Memória*, a noção de memória pura é uma abstração, antes de tudo é um recurso didático.
- 5 Embora uma abordagem detalhada do assunto ultrapasse os limites deste ensaio, é necessário fazer menção à importância da obra de Bergson para Benjamin no que diz respeito à noção de *durée* e à crítica ao determinismo.
- 6 Benjamin, « Sobre alguns Temas em Baudelaire », p. 106.

detalhes e emoções — daquilo que foi vivido anteriormente. A memória capaz de nos revelar novamente estes aspectos, esta que nos possibilita um reencontro com aquilo que foi experimentado no passado, não se relaciona diretamente com as injunções de nossa inteligência. Não basta uma decisão de nossa consciência para que este processo nos seja proporcionado.

Benjamin nos recorda que, no início do primeiro volume de *Em Busca do Tempo Perdido*, Proust nos coloca em contato com essa diferença qualitativa entre as duas possibilidades de rememoração. Elas se diferenciam porque são acionadas de formas diversas e, também, porque nos proporcionam sensações absolutamente distintas. Proust nos leva a crer que a memória voluntária se relaciona muito estreitamente com o hábito. E que, ao contrário, a memória involuntária se distancia do hábito.

Assim, por muito tempo, quando despertava de noite e me vinha a recordação de Combray, nunca pude ver mais que aquela espécie de lanço luminoso, recortado no meio das trevas indistintas, semelhante aos que o acender de um fogo de artifício ou alguma projeção elétrica alumiam e seccionam em um edifício cujas partes restantes permanecem mergulhadas dentro da noite [...] em suma, sempre visto à mesma hora, isolado de tudo o que pudesse haver em torno, destacando-se sozinho na escuridão, o cenário estritamente necessário [...], ao drama do meu deitar; como se Combray consistisse apenas em dois andares ligados por uma estreita escada, e como se nunca fosse mais que sete horas da noite. Na verdade, poderia responder, a quem me perguntasse, que Combray compreendia outras coisas mais e existia em outras horas. Mas como o que eu então recordasse me seria fornecido unicamente pela memória voluntária, a memória da inteligência, e como as informações que ela nos dá sobre o passado não conservam nada deste, nunca me teria lembrado de pensar no restante de Combray. Na verdade, tudo isso estava morto para mim.⁷

O afastamento em relação aos ditames do hábito é possível através de um esquecimento ativo realizado pela memória involuntária. É este mesmo esquecimento, proporcionado também pelo sonho, que sugere a Benjamin compreender a memória de Proust como o trabalho inverso ao de Penélope.

Segundo Benjamin, Proust trata da necessidade de um trabalho do esquecimento⁸ em relação à construção oferecida pela memória voluntária. Se Penélope durante a noite desfazia sua tapeçaria para que durante o dia

7 Proust, Marcel, « No Caminho de Swann », em *Em Busca do Tempo Perdido*, p. 44.

8 Samuel Beckett também nos oferece um comentário entre a memória e o esquecimento. « Proust tinha má memória — como tinha um hábito ineficiente, porque tinha um hábito ineficiente. O homem de boa memória nunca se lembra de nada, porque nunca se esquece de nada. Sua memória é uniforme, uma criatura de rotina, simultaneamente condição e função de seu hábito impecável, um instrumento de referência e não um instrumento de descoberta. » (Beckett, S., *Proust*, p 23.)

pudesse constitui-la, Proust criou uma urdidura do esquecimento capaz de, durante a noite, suspender as lembranças da memória voluntária, incapazes de reconstituir significativamente o tempo passado. Durante a noite, o sonho tem a faculdade de fazer esquecer a memória voluntária que será reconstituída durante o dia. O esquecimento tece a tapeçaria da existência vivida, é a tapeçaria da rememoração sem limites daquilo que foi vivido. É o esquecimento do acontecimento vivido conscientemente demarcado.

Como já assinalamos anteriormente, o aspecto que melhor distingue a caracterização da memória em Bergson e Proust é o acaso. A nossa inteligência tende a se calcar no hábito, o mesmo modo de encadear o pensamento nos leva à lembrança⁹ de situações que vivemos e que podem nos ser úteis no presente. Opostamente a este planejamento de nossa consciência, que nos permite estar vivos e suprir as nossas necessidades mais imediatas, o acaso é a circunstância que nos rouba as sensações habituais.

Um encontro casual com um objeto material é capaz de nos lançar longe, muito longe, de nossa percepção mais habitual do mundo que nos cerca. Esta é a hipótese de Proust — marca de seu distanciamento de Bergson. O mais importante é o fato de que, com sua hipótese, torna-se impossível qualquer previsão em torno deste encontro. Para Proust, é possível viver uma vida inteira sem que um acaso tenha feito soar a cantiga, cantada pela memória involuntária, restauradora das emoções de nosso passado.

É assim com o nosso passado. Trabalho perdido procurar evocá-lo, todos os esforços da nossa inteligência permanecem inúteis. Está ele oculto, fora do seu domínio e do seu alcance, nalgum objeto material (na sensação que nos daria esse objeto material) que nós nem suspeitamos. Esse objeto, só do acaso depende que o encontremos antes de morrer, ou que não o encontremos nunca.¹⁰

Tal construção de Proust significa, para Benjamin, afirmar que depende radicalmente do acaso a possibilidade de nos apossarmos de nossa experiência. Para Bergson, a verdadeira experiência depende fundamentalmente de uma escolha : nos empenharmos em discernir o mundo privilegiando seus recortes qualitativos e sua dimensão temporal, em detrimento dos aspectos quantitativos e espaciais.

Para Proust, a experiência significa a felicidade de um encontro que faça

9 Aqui, devemos levar em conta aquilo que nos alerta Beckett : « Estritamente falando, só podemos lembrar do que foi registrado por nossa extrema desatenção e armazenado naquele último e inacessível calabouço de nosso ser, para o qual o Hábito não possui a chave — e não precisa possuir, pois lá não encontrará nada de sua útil e hedionda parafernália de guerra. » (Beckett, S., *Proust*, p 24.)

10 Proust, *idem*, p 45.

cessar o sentimento de que somos « medíocres, contingentes e mortais ». Para alguns intérpretes,¹¹ a *redescoberta do tempo perdido* é, na verdade, a possibilidade de suprimir o tempo, sair momentaneamente da ordem do tempo. Como veremos mais tarde, para Benjamin, a eternidade em Proust não apresenta traços de um platonismo, é uma eternidade de tempos entrecruzados que instaura uma outra ordem.

Poderíamos dizer que a questão fundamental em Proust não é a memória, seja a involuntária ou a voluntária, mas sim a experiência entendida como felicidade.¹² Contudo, a felicidade com a qual esbarramos casualmente (ou não) nos corredores de nossas vidas, só se torna presente a partir de um precedente : a memória involuntária.

Muitos anos fazia que, de Combray, tudo quanto não fosse o teatro e o drama do meu deitar não mais existia para mim, quando, por um dia de inverno, ao voltar para casa, vendo minha mãe que eu tinha frio, ofereceu-me um chá, coisa que era contra os meus hábitos. A princípio recusei, mas, não sei por que, terminei aceitando. Ela mandou buscar um desses bolinhos pequenos e cheios chamados madalenas e que parecem moldados na valva estriada de uma concha de S. Tiago. Em breve, maquinalmente, acabrunhado com aquele triste dia e a perspectiva de mais um dia tão sombrio como o primeiro, levei aos lábios uma colherada de chá onde deixara amolecer um pedaço de madalena. Mas no mesmo instante em que aquele gole, de envolta com as migalhas do bolo, tocou o meu paladar, estremei, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadira-me um prazer delicioso, isolado, sem noção da sua causa. Esse prazer logo me tornara indiferente às vicissitudes da vida, inofensivos os seus desastres, ilusória a sua brevidade, tal como o faz o amor, enchendo-me de uma preciosa essência : ou antes, essa essência não estava em mim; era eu mesmo. Cessava de me sentir medíocre, contingente, mortal.¹³

Segundo Benjamin, só foi possível imaginar que a tarefa de contar a infância, encenada pelo narrador de seu livro, enfrentaria algumas sérias

- 11 Este é o ponto de vista de Samuel Beckett em um comentário sobre o *tempo* e sobre o título do último volume (« O Tempo Redescoberto ») de *Em Busca do Tempo Perdido* de Proust. « Conseqüentemente, a solução proustiana consiste, até onde já analisamos, na negação da Morte porque negação do Tempo. A morte morreu porque o tempo morreu. [...] O Tempo não é redescoberto, é obliterado. O Tempo é redescoberto, e com ele a Morte, quando o narrador deixa a biblioteca e une-se aos convidados, empoleirados em decrepitude precária nos vertiginosos polares do primeiro e preservados da segunda por um milagre de aterrorizado equilíbrio. Se o título é um bom título, a cena na biblioteca é um anticlímax. » (Beckett, S., *Proust*, p. 60-61.)
- 12 « Cocteau percebeu aquilo que deveria preocupar, em altíssimo grau, todo leitor de Proust : ele viu o desejo de felicidade — cego, insensato e frenético — que habitava esse homem. Esse desejo brilhava em seus olhos. Não eram olhos felizes. Mas a felicidade estava presente neles, no sentido que a palavra tem no jogo ou no amor. » (Benjamin, « A Imagem de Proust », p. 38.)
- 13 Proust, *idem*, p. 45.

dificuldades porque Proust encontrava-se no contexto específico da modernidade. O fato de que para a experiência de uma vida se realizar de forma genuína possam haver interdições não é um dado natural. Somente quando os fatos exteriores passam a ter menos condições de se relacionar com a nossa experiência é que nossas questões passam a ter um caráter irremediavelmente privado. Esta percepção que faltou a Bergson aparece, talvez de forma pouco consciente, em Proust. Sua escrita comunica, aos leitores, que existem certas condições específicas para que passado e presente possam ser integrados.

A partir desta diferença, Benjamin, nos alerta para as condições sociais reais da vida na modernidade, distanciada da tradição. Sua análise da informação jornalística e da forma literária do romance¹⁴ nos leva a crer que o distanciamento em relação à tradição, presente na modernidade, nos impossibilitou de ligar integralmente nossa experiência aos acontecimentos que nos são exteriores.

É neste contexto que, segundo Benjamin, a « tarefa elementar »¹⁵ de narrar a própria infância passa a apresentar um desafio, e pode ser ou não bem-sucedida. Este desafio se configura na tentativa de integrar presente e passado de forma capaz de ultrapassar nossas relações habituais com a lembrança. Diante do fato de que esta integração entre presente e passado — no contexto da modernidade — diminui suas chances de ser realizada, Proust sugere a intervenção do acaso.

A noção de memória involuntária, criada por Proust, atesta as interdições concernentes a esta experiência integradora no mundo da informação jornalística e do romance. Este é o momento da história ocidental em que os homens se encontram distanciados de suas tradições e, cada vez mais, perdem as condições de integrar os acontecimentos à sua experiência.

O tema da tradição deve ser pensado à luz da era da industrialização. Foi esta era que proporcionou a implementação do trabalho automatizado, repetitivo, mecânico, e que possibilitou a conformação de grande concentração de população em torno de uma região geográfica.

Tais circunstâncias minaram, de algum modo, a solidez da experiência garantida pela tradição. A sociedade tradicional se liga ao ritmo de trabalho artesanal e não ao da industrialização. O trabalho artesanal se perpetuava na tradição do aprendizado de um ofício que se transmitia através das gerações. O ofício foi substituído por um conjunto de poucos gestos repetitivos que podem ser aprendidos facilmente pelo trabalhador menos especializado. Estamos na era das relações imediatas. O longo processo de iniciação do aprendiz no saber do ofício do mestre foi reduzido ao adestramento do corpo diante da linha de montagem. Esta percepção é determinante para o indivíduo que participou dos acontecimentos no séc. XIX.

14 Cf. os ensaios de Benjamin « O Narrador » e « Sobre alguns Temas em Baudelaire ».

15 Cf. Benjamin, *idem*, p. 107.

Nesse contexto, Benjamin propõe a distinção entre *experiência* (*Erfahrung*) e *vivência* (*Erlebnis*), onde o conceito de vivência constitui-se em torno de uma configuração específica do modo do indivíduo se relacionar consigo próprio e com os outros nas sociedades capitalistas modernas.

De acordo com estas considerações, devemos aqui fazer alusão à discussão em torno da desintegração da aura. Em seu ensaio *Sobre Alguns Temas em Baudelaire*, Benjamin encaminha as relações entre a experiência e a aura, através da análise da poesia de Baudelaire e da noção proustiana de memória involuntária. A experiência cedeu lugar à vivência, e foi nesta circunstância social que a compreensão aurática do belo começou a perder significado.

Como afirmávamos, Proust cria sua obra a partir da percepção de que a integração dos acontecimentos que são externos à nossa experiência nem sempre pode ser realizada. E é Benjamin que nos mostra como esta interdição da experiência, expressa nas obras de Proust e Baudelaire, ocorreu paralelamente a uma ampla mudança na percepção, intensificada pelas grandes transformações do século XIX.

Esta mudança constituiria não só uma nova concepção de arte — o objeto artístico destituído da experiência aurática — mas também uma nova forma de sensibilidade, um novo sujeito da percepção : o sujeito moderno.

A descrição benjaminiana nunca é consoladora e, embora possa esboçar traços de uma certa nostalgia, absteve-se de apontar para a possibilidade de um resgate da experiência e da percepção auráticas. Sua leitura de Baudelaire ou Proust, é antes um diagnóstico de uma cultura que passara a apresentar novas feições, do que uma interpretação que observa nestes autores a preservação de elementos correspondentes às sociedades tradicionais. Para Benjamin, ambos os autores situam-se no vértice entre a *experiência* e a *vivência*, e nesta fronteira não há como retomar nostalgicamente o passado.

É nesse sentido que Benjamin pode entrelaçar as noções de memória involuntária e aura. A aura só pode ser experimentada a partir de imagens advindas de um distanciamento entre o olhar do observador e o objeto artístico. O distanciamento povoador de significados alcança a humanização do objeto. Este mesmo processo se dá com a memória involuntária que não se manifesta a partir de uma relação de imediatismo com os acontecimentos.

A memória que se estrutura a partir de uma relação imediata e utilitária com os acontecimentos não se assemelha em nada às características da memória involuntária. Quanto mais habitual e pragmática for a relação com os acontecimentos que nos são exteriores, menor será a possibilidade de preenchê-los de novos significados. O distanciamento no tempo também é fundamental para que a memória torne-se capaz de fazer incidir um olhar descobridor sobre o passado.

Esta relação mediatizada reforça a compreensão do caráter cultural da experiência aurática. Se fosse possível o acesso direto àquilo que a memória

involuntária nos revela, não haveria nenhum resquício de uma relação cultural que se define justamente pela preservação da distância. A partir desta caracterização, é possível compreender por que Benjamin chama a atenção para as consequências das novas técnicas de reprodução no que diz respeito à nossa sensibilidade.

Ainda reafirmando a relação entre a perda da *experiência* e a desintegração da aura, sublinhamos a interpretação de Benjamin que aponta a tentativa proustiana de restaurar a experiência, ainda que sujeita a algumas interdições proporcionadas pela memória voluntária.

A memória involuntária, para Proust, garante a possibilidade de investir os acontecimentos da aura que não encontramos no dia-a-dia de nossas vidas. Importa ao autor a maneira como os acontecimentos são vislumbrados na memória involuntária por ser esta capaz de nos revelar aspectos esquecidos, através de um distanciamento de nossos hábitos.

Apesar de Benjamin, aqui, ressaltar os aspectos afirmativos da percepção aurática dos objetos artísticos, não podemos deixar de levar em conta a análise presente no ensaio *A Obra de Arte na Época de suas Técnicas de Reprodução* que põe em questão os elementos reacionários deste modo tradicional de percepção da obra de arte.

Em tal ensaio, Benjamin nos mostra que a obra de arte perdeu sua aura desde o momento em que deixou de estar circunscrita ao ambiente aristocrático e religioso. Procurando avaliar as dimensões sociais da dissolução da aura, sua análise demonstra como estão imbricados o desenvolvimento da técnica — em especial dos aparelhos de reprodução — e as profundas modificações na nossa percepção do objeto artístico.

Ao avaliar as consequências destas transformações que fizeram com que a obra de arte se tornasse mercadoria, Benjamin foi capaz de apontar os elementos positivos deste processo. É por este motivo que ao criticar a produção cinematográfica de sua época considerou, de forma otimista, a possibilidade de associá-la à política de renovação social. Vislumbrou esta possibilidade porque, segundo seu ponto de vista, o cinema tem condições de viabilizar uma nova integração das massas com a arte.

Com estas considerações, queremos reafirmar que não encontramos em Benjamin uma intenção nostálgica frente à obra de arte que nos faria, através de um vóo estético, vislumbrar aquilo que se perdera junto com a experiência.¹⁶ A reflexão sobre Baudelaire vale também para sua interpretação de Proust : « Não há nenhum consolo para quem não pode mais

16 Do mesmo modo, « apesar de sua atitude ambivalente com relação à perda da aura — Benjamin jamais partilhou de todo temor de Adorno quanto às consequências negativas da dessublimação da alta cultura —, não resta dúvida de que ele tinha uma aguda consciência dos riscos da barbárie provocados pela perda de contato com a tradição e pelo fim da transcendência da arte, incorporada à vida. » (Rouanet, S. P., « Benjamin, o Falso Irracionalista », em *As Razões do Iluminismo*, p. 113-114.)

fazer qualquer experiência. Porém não é senão esta incapacidade que constitui a essência da ira. »¹⁷

Qualquer caracterização do conceito de aura, e conseqüente avaliação de sua importância na obra de Benjamin, deve dar atenção a este aspecto ambíguo. É muito relevante a constatação de que toda alusão ao que foi experimentado no passado aparece, em Benjamin, necessariamente como uma possibilidade crítica de reconstrução do presente. A ira de que nos fala Benjamin, em sua citação, é aquilo que nos impele a uma ação no futuro, ainda que o façamos de modo ensurdecido¹⁸ e desnordeado.

A crítica social

Em *Sobre alguns Temas em Baudelaire*, Benjamin nos faz observar o caráter estritamente individual daquilo que foi vivido e descrito pelo narrador no romance de Proust. Retomando a caracterização da narrativa oral por oposição ao romance¹⁹, Benjamin considera o termo *memória involuntária* como tendo sido criado por Proust no contexto da *vivência*. Como ressaltamos, Proust expressa em sua construção uma cultura que encontra sua *experiência* interdita.

Neste sentido, poderíamos estabelecer ligações deste « inventário » proustiano com a análise daquilo que Benjamin denominou de *a crise do romance*. Benjamin procurou caracterizar uma oposição entre o espírito épico e o romance em seu ensaio *A Crise do Romance* que foi escrito em 1930 (ano seguinte ao que concebera *A Imagem de Proust*).

A partir das figuras extremas de Doblin e Gide, Benjamin procura ilustrar a reflexão que se esboçava a respeito da literatura e que, segundo seu ponto de vista, atestava a crise do romance. Através da caracterização destas duas abordagens opostas — Doblin defendendo o caráter épico e Gide desenvolvendo a teoria do *roman pure* — podemos compreender melhor o instrumental teórico de Benjamin em sua leitura de Proust.

A tradição oral, da qual encontramos poucos resquícios na modernidade, constitui uma das bases fundamentais das sociedades onde era possível integrar os acontecimentos à nossa experiência. Proust, na figura de seu narrador, descreve uma vida onde a solidão é característica

17 Benjamin, *idem*, p. 135.

18 « O irado 'não quer ouvir nada'; seu protótipo Tímon de Atenas se enfurece contra os homens indistintamente; ele não está mais em condições de discernir entre o amigo comprovado e o inimigo mortal. » (Benjamin, *idem*, p. 135.)

19 Em seu ensaio « O Narrador », Benjamin constata que a capacidade de contar histórias e de trocar experiências tem declinado com as transformações trazidas pela sociedade capitalista, chegando quase às vias da extinção. Substituída pelo romance e pela informação jornalística, a prática de contar e recontar a mesma história através das gerações cede lugar à exigência de novidade.

essencial. Este fato determina sua distância em relação às condições necessárias à narrativa oral.

A matriz do romance é o indivíduo em sua solidão, o homem que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações, a quem ninguém pode dar conselhos, e que não sabe dar conselhos a ninguém. Escrever um romance significa descrever a existência humana, levando o incomensurável ao paroxismo.²⁰

Difícilmente terá havido na literatura ocidental uma tentativa mais radical de auto-absorção, desde os exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola. Também ela tem em seu centro uma solidão que com a força do maelstrom arrasta o mundo em seu turbilhão. A tagarelice incomensuravelmente ruidosa e vazia que ecoa nos romances de Proust é o rugido com que a sociedade se precipita no abismo dessa solidão.²¹

Apesar disto, é justamente no ensaio *Sobre alguns Temas em Baudelaire*, onde Benjamin havia apresentado o diagnóstico sobre a memória involuntária, que ele nos indica a possibilidade de extrapolar os limites da lembrança individual.

Benjamin sugere uma ligação entre a memória e a experiência que nos faria deixar de lado a exclusividade das memórias voluntária e involuntária. Isso teria sido possível porque no âmbito da experiência, conteúdos do passado individual entram em conjunção com outros do passado coletivo. Nas festas e cerimoniais de antigos cultos encontrávamos uma situação propícia a que certas lembranças fossem provocadas e encontrassem motivações para repetição durante toda a vida.

Estamos falando de uma experiência passada irrecuperável. É de se notar que Proust não tenha mencionado esta experiência em torno dos cultos em sua *Recherche*. Se, em seu romance, tivesse narrado tais eventos resgatando com eles uma conjunção entre o passado individual e coletivo não encontraria razões para marcar a exclusividade da memória involuntária. Estas observações de Benjamin reforçam sua caracterização de Proust como já pertencente ao âmbito de uma cultura que não é mais capaz de fazer experiência.

Ainda que Benjamin tenha sublinhado o caráter estritamente individual da empreitada de Proust, sua avaliação não se assemelha em nada à crítica alemã que se apressara em atribuir ao autor as mesmas características do narrador. Contra esta circunstância Benjamin nos faz ver a perspicácia crítica de Proust.

O teor individual da narrativa proustiana não impede que Benjamin tenha, aqui, encontrado um tema sociológico. Proust com sua sensibilidade revelou,

20 Benjamin, « A Crise do Romance », p. 54.

21 Benjamin, « A Imagem de Proust », p. 46.

através da construção de sua obra, os fundamentos e os preconceitos da sociedade no séc. XIX.

No que diz respeito ao século XIX, não foram nem Zola nem Anatole France, mas o jovem Proust, o esnobe sem importância, o trêfego frequentador de salões, quem ouviu, de passagem, do século envelhecido, como de um outro Swann, quase agonizante, as mais extraordinárias confidências. Somente Proust fez do século XIX um século para memorialistas.²²

A crítica alemã, em sua displicência, atribuiu ao próprio Proust o esnobismo que ele descrevia. Contudo, como nos aponta Benjamin, apesar de os problemas abordados por Proust serem os de uma aristocracia decadente, e de uma burguesia que desejaria se fazer passar por nobreza, não eram estas as questões do escritor. Ao contrário, tratava-se de um artista que estando presente nesta cena tornara-se capaz de observar, ser espectador.

Este é o aspecto que revela o humor, e mesmo a comédia, em Proust. Existe uma potencialidade destrutora no riso do autor. Sua paródia revela o observador que ao provocar o riso diante de uma situação, através de uma descrição, surpreende-se rindo de si mesmo, de sua época. Benjamin ressalta que nisto tudo existe algo de « amargo, selvagem e mordaz ».²³ O lado subversivo do riso em Proust se manifesta juntamente com uma profunda desilusão e decepção.

Como nos mostra Benjamin, Proust descreveu os costumes de uma sociedade interessada em dissimular suas condições econômicas, e que expulsava de seu círculo todos aqueles que de algum modo participavam da produção. É ele mesmo que nos mostra como os empregados viam-se obrigados a se comportarem de maneira semelhante, através de hábitos graciosos e de um gestual cerimonioso. A curiosidade de Proust em relação ao mundo dos empregados revela justamente aquilo que a burguesia procurava ocultar ao imiscuir-se nos salões da aristocracia decadente.

As histórias contadas a respeito dos empregados fazem aparecer os aspectos preconceituosos e os vícios da sociedade por onde o narrador perambula. São serviços das mais variadas funções sempre sujeitos aos gostos e às idiossincrasias de seus patrões e que, no mais das vezes, encontram-se cientes de suas condições. Deixar-se sujeitar fielmente ou tirar proveito destas circunstâncias são apenas dois exemplos das várias personagens representadas por estes serviços.

O que há de mais crítico em Proust — e que o destaca terminantemente da sociedade que descreve — é esta capacidade de provocar o riso diante daqueles que pretendiam ser os valores mais intocáveis da burguesia. Vale dizer, como nos apontou Benjamin, que « o mundo se parte efetivamente em

²² Benjamin, *idem*, p. 40.

²³ Benjamin, *idem*, p. 43.

estilhaços : a unidade familiar e da personalidade, a ética sexual e a honra estamental ».²⁴ Tudo isto vem à tona com Proust a partir daquilo que Benjamin denominou de *análise do esnobismo*.

A análise proustiana do esnobismo, muito mais importante que sua apoteose da arte, é o ponto alto de sua crítica social. Pois a atitude do esnobe não é outra coisa que a contemplação da vida, coerente, organizada e militante, do ponto de vista, quimicamente puro, do consumidor.²⁵

É necessário atentar para o perigo de imaginar que a abordagem de Benjamin possa investigar a obra de Proust como um documento de época. Não se trata disto. Benjamin não está sugerindo que em 1929 ou em 1939²⁶ a leitura de Proust seja muito significativa porque encontraríamos, ali, vestígios da época em que o romance foi escrito.

Se Benjamin estivesse nos assinalando esta possibilidade não encontraríamos exemplarismo na tarefa de Proust, poderíamos encontrar também em outros autores a expressão de seu tempo. No entanto, Benjamin nos faz notar que o século XIX, um século envelhecido, fez confidências extraordinárias a Proust. Há algo mais, nas descrições do escritor, que ultrapassa a idéia de que nos tenha deixado apenas um documento de época.

Aquilo que Benjamin denominou de análise do esnobismo ou crítica social, revela uma sociedade que perdera a possibilidade de fazer experiência mas que ainda guarda resquícios deste passado. Talvez tenham sido estes os segredos ouvidos por Proust que, ciente de tal perda, procurou garantir alguma forma de sobrevivência desta experiência na idéia da memória involuntária.

Em suas descrições dos salões franceses, Proust nos defronta a todo momento com as regras e as atitudes protocolares cumpridas — ou descumpridas — pelos personagens que criou. Com seu olhar irônico possibilita-nos uma espécie de visão raio X daquilo que fundamenta os costumes desta classe. O narrador, sem cessar, nos conduz a um passeio por genealogias incapazes de evitar ao menos um descendente contemplado por histórias constrangedoras : origens nem tanto nobres, hábitos inconfessáveis, matrimônios indigestos, etc.

Através deste exercício do olhar, Proust nos faz compreender as confissões com as quais o século que envelhecera o agraciara. As regras da vida nos salões, que dali a algumas décadas estariam praticamente fora de moda, representam alguns dos resquícios de uma realidade social passada.

24 Benjamin. *Idem*, p. 41.

25 Benjamin. *Idem*, p. 44.

26 Benjamin escreveu o ensaio « A Imagem de Proust » em 1929 e o ensaio « Sobre alguns temas em Baudelaire » em 1939.

A quintessência da experiência não é aprender a ouvir explicações prolixas que à primeira vista poderiam ser resumidas em poucas palavras, e sim aprender que essas palavras fazem parte de um jargão regulamentado por critérios de casta e de classe e não são acessíveis a estranhos. Não admira que Proust se apaixonasse pela linguagem secreta dos salões.²⁷

A intuição dos abismos cada vez mais presentes no século XX, e que já podiam ser avistados no século passado, parece ter norteado Proust ao escrever suas memórias. A experiência interdita de seu tempo deveria ser resgatada pelo objeto artístico por obra da memória involuntária — era esta a confiança que guardara. No entanto, para Benjamin, o que há de mais revelador em sua obra — além da constatação da experiência interdita — é a enorme coleção de vestígios dessa experiência passada que Proust nos proporcionou.

Com seu « elemento detetivesco »²⁸ ou colecionador, Proust era capaz de exercitar a paródia na qual expressava sua risada. Seu riso nos faz entrever, ao mesmo tempo, a distância e a cumplicidade que cultivava em relação a seu tempo. Por isso, Benjamin sublinha o caráter desiludido das narrativas de Proust.

Podemos compreender melhor aquilo que Benjamin ressaltou como sendo a crítica social de Proust se nos detivermos em um dos temas abordados em seu romance *Em Busca do Tempo Perdido*. Este tema, capaz de grande comoção não só na França como também no estrangeiro, é o *processo Dreyfus*.

Nossa intenção é trazer à tona as regras sociais presentes nos salões franceses na virada do século XIX para o século XX. Justamente quando uma polêmica em torno de uma questão pública torna-se o divisor de águas das opiniões correntes, podemos vislumbrar os resquícios de costumes protocolares que ainda restaram nesta sociedade. Estas condutas, ensaiadas através das gerações, marcam as relações sociais preservando suas hierarquias e seus valores os mais arraigados. Proust esmiuça os detalhes dos comportamentos em torno do caso; como passam a se comportar indivíduos que descobrem participar de opiniões diversas, ou semelhantes.

Ao final do volume intitulado « O Caminho de Guermantes » Proust nos mostra a visão de Swann, já bastante adoecido, que avalia estar a opinião antidreyfusista absolutamente ligada ao anti-semitismo. Quando, em uma conversa, transmite ao narrador os motivos supostamente reais pelos quais os Guermantes, em geral, são antidreyfusistas, Swann deixa revelar que seu novo critério de avaliação do mundo é o dreyfusismo.

O Swann, de origem semita, não deixa de apontar as raízes feudais e as conseqüentes seqüelas do anti-semitismo daqueles anfitriões que o recebiam em seus salões. Apesar de ter absoluta certeza de que o príncipe de Guer-

27 Benjamin, *idem*, p. 42.

28 Benjamin, *idem*, p. 44.

mantes é anti-semita e, muito provavelmente antidreyfusista, isto não o impede de cumprir o « dever » social de comparecer, apesar do cansaço, a uma recepção em sua casa naquela mesma noite.

Este é o mesmo Swann que ousara desagradar os Guermantes através de seu casamento com Odette e, agora novamente, com sua defesa da inocência do capitão Dreyfus. Apesar de tudo, Swann continuava a exercitar sua fineza e requinte nos salões da aristocracia. Seu novo critério de avaliação não achava necessário distinguir antidreyfusismo e anti-semitismo. Se Saint-Loup, um dos Guermantes, pertencente ao exército, mostrava-se dreyfusista. Isto lhe parecia uma exceção que se devia exclusivamente à sua inteligência.

O dreyfusismo tornara Swann de uma candura extraordinária e dera à sua maneira-de-ver uma impulsão, um desvio mais notáveis ainda do que outrora o seu casamento com Odette; essa nova desclassificação melhor se chamaria reclassificação e só podia ser honrosa para ele, pois o fazia voltar à via pela qual tinham vindo os seus e de onde o haviam desviado as suas relações aristocráticas. Mas Swann, justamente no momento em que, tão lúcido, lhe era dado, graças às heranças de sua ascendência, ver uma verdade ainda oculta aos mundanos, mostrava-se no entanto de uma cegueira cômica. Submetia todas as suas admirações e todos os seus desdêns à prova de um critério novo, o dreyfusismo.²⁹

A certeza da inocência de Dreyfus associada à idéia de que, na verdade, o caso se tratava de uma questão de anti-semitismo tomou-o de tal jeito que não era capaz de considerar seus antigos pontos de vista. As críticas que fizera a Clemenceau ficaram absolutamente esquecidas depois que este encabeçara a luta dreyfusista à frente de seu jornal. Agora, não cessavam os elogios a Clemenceau.

Já em « Sodoma e Gomorra », Proust nos faz entrar em contato com o ponto de vista do duque de Guermantes que se mostra profundamente ofendido com o fato de Swann apresentar-se abertamente dreyfusista. Para ele trata-se de uma traição por parte de Swann. Ele, que fora tão bem recebido no *faubourg* Saint-Germain, deveria ter desaprovado os judeus e os que apoiavam Dreyfus ao menos como forma de consideração.

Para o duque não importa a opinião de um estrangeiro em relação ao caso. No entanto, é imperdoável que um autêntico francês — « um fino *gourmet*, um espírito positivo, um colecionador, um amador de velhos livros, membro do Jóquei »³⁰ — considere-se dreyfusista. Ele revela ter imaginado que um judeu distinto pudesse ser um francês, mas acredita ter se enganado em função da conduta de Swann. Sempre pensara em Swann como um profundo patriota.

Ainda em « Sodoma e Gomorra », Proust narra um encontro entre Swann e Saint-Loup em que este último se esquiva quando Swann tenta iniciar uma

29 Proust, « O Caminho de Guermantes », em *Em Busca do Tempo Perdido*, p. 520-521.

30 Proust, « Sodoma e Gomorra », *idem*, p. 83.

conversação sobre o processo Dreyfus, partindo do pressuposto de que ambos partilhavam do mesmo ponto de vista. Saint-Loup afirma não sustentar integralmente o dreyfusismo e que, sendo soldado, é ao Exército que deve apoiar. Em seguida, pede desculpas por ter que ausentar-se momentaneamente para estar com a tia e não retorna mais.

Algumas páginas adiante, encontramos o narrador ouvindo de Swann um esclarecimento sobre sua conversa com o príncipe. Esta conversa gera comentários maliciosos, no salão, afirmando terem visto que o príncipe « fez uma cena com Swann e deu-lhe a entender que não mais pusesse os pés em sua casa, em vista das opiniões que ele ostenta ».³¹ O comentário, como não poderia deixar de ser, finalizava-se com a concessão de uma aprovação sem precedentes à atitude do príncipe.

Segundo a narrativa de Swann, o príncipe começara, ao contrário, desculpando-se por ter, nos últimos tempos, evitado encontrá-lo. O príncipe confessa ter ouvido que Swann tinha opinião divergente em relação àquela questão que divide o país, e considerava muito penosa a hipótese de ouvir o próprio Swann confessá-lo diante de sua presença. Em considerações bastante detalhadas o príncipe revelara como, ao longo deste tempo, passara de antidreyfusista para dreyfusista e felicitava-se por poderem compartilhar as mesmas opiniões.

Swann, que durante a tarde tecera considerações sobre as relações entre antidreyfusismo e anti-semitismo, comovera-se com a revelação do príncipe. Daí, passara a considerar indistintamente inteligentes aqueles que apoiavam, como ele, a visão dreyfusista. Isto tudo se deu de tal modo que, após ter evitado, por tanto tempo, Bloch — o amigo israelita do narrador que passara a frequentar o círculo dos Guermantes — decidira convidá-lo para almoçar.

Um dos aspectos mais reveladores em toda esta narrativa é a reação de Swann quando, durante este almoço, Bloch solicita sua adesão. Bloch, também neste momento, articulara o pedido de que intercedesse junto ao príncipe para colaborar com sua assinatura nas listas em favor do coronel Picquart. Swann, embora sendo apaixonadamente dreyfusista, nega sua colaboração na lista e procura proteger a figura do príncipe, inviabilizando a intenção de Bloch.

Mas Swann, juntando à sua ardente convicção de israelita a moderação diplomática do mundano de que sobremaneira havia adquirido os hábitos para poder tardiamente desfazer-se deles, recusou dar autorização a Bloch para remeter ao príncipe, mesmo como que espontaneamente, uma circular a assinar.³²

É na negativa de Swann a Bloch, na legitimidade da conduta do príncipe de Guermantes em evitar Swann, na evasiva de Saint-Loup, no sentimento

31 Proust, *idem*, p. 82.

32 Proust, *idem*, p. 114.

de traição por parte do duque em relação a Swann, e no comparecimento de Swann à recepção do príncipe que encontramos os vestígios de uma experiência passada.

A ironia da narrativa de Proust nos faz perceber as regras e os pré-requisitos das relações de uma aristocracia que se desagregava, e de uma burguesia que os assimilava. O olhar de Proust lançado sobre os tais « critérios de casta e de classe » de que nos fala Benjamin revela aqueles elementos que, nos termos do século que se seguiu, tornaram-se cada dia mais isentos de sentido.

Quando em 1929 Benjamin escreve seu ensaio, apenas três décadas depois da *Recherche* proustiana, parece estar a uma distância secular da narrativa que acabamos de resumir. As transformações radicais na vida dos indivíduos na modernidade têm suas origens no esfacelamento da tradição, aspecto que já abordamos anteriormente. No romance de Proust encontramos uma sociedade que, embora cada vez mais distanciada de suas tradições, ainda se organiza em torno de costumes, hábitos e regras sociais condizentes com suas envelhecidas raízes.

Por este motivo, assinalamos ser uma das riquezas da narrativa de Proust o fato de apresentar uma sociedade, na passagem do século, que se sustenta precariamente em resquícios de uma experiência passada. As regras de convívio muito bem caracterizadas ainda proporcionavam a segurança de que certas hierarquias seriam respeitadas. Os aristocratas procuravam manter um equilíbrio persistindo nestes costumes que levaram tantas gerações para tornarem-se plenos de requinte. Os burgueses buscavam garantir o convívio nos altos salões assimilando estas regras como se delas compartilhassem desde sempre.

Menos de cinquenta anos depois tudo isto parece ter caído em desuso, muito provavelmente sendo substituído por outras regras, segundo critérios diversos, revelando a precariedade da sustentação destes costumes nas tradições que haviam perdido sentido.

A eternidade como embriaguez

No pensamento de Benjamin, a tarefa do crítico associa-se ao caráter construtor de uma filosofia preocupada com as condições de possibilidade da história, no âmbito da modernidade. Benjamin se perguntava sobre as relações da criação proustiana com a modernidade, pois em função disto seria possível avaliar as reais contribuições da concepção de memória sugerida por Proust. Já sugerimos anteriormente que, para Benjamin, as condições a partir das quais a memória involuntária fora criada eram tão, ou mais, importantes do que este conceito propriamente dito.

Tendo como base estas reflexões, Benjamin tece a sua interpretação da obra

proustiana. A busca de um tempo que se perdeu elaborada no romance de Proust transforma-se, a partir de Benjamin, na descoberta de que a experiência se perdeu. O entendimento de que esta experiência não pode ser recuperada o impele a ver, na memória involuntária de Proust, um movimento que se distingue de uma restauração do passado.

Para Benjamin, a descoberta da infância através da *madeleine* não significa o reencontro com o idêntico³³ mas com o semelhante. As correspondências entre os acontecimentos são capazes de revelar algo novo que não fora percebido no passado. Por este motivo, Benjamin ressalta que o encontro com o passado não é fazer reviver aquilo que estava dado em um outro tempo mas se perdera. Não se trata de um reencontro com o outrora conhecido. Ao contrário, as relações de semelhança, que em Proust são possíveis por obra do acaso, revelam o que só pode ser percebido através das ligações entre presente e passado. Mais radical do que isto, revelam o que só existe nas articulações entre presente e passado.

Toda interpretação sintética de Proust deve partir necessariamente do sonho. Portas imperceptíveis a ele conduzem. É nele que se enraíza o esforço frenético de Proust, seu culto apaixonado da semelhança. Os verdadeiros signos em que se descobre o domínio da semelhança não estão onde ele os descobre, de modo sempre desconcertante e inesperado, nas obras, nas fisionomias ou nas maneiras de falar. A semelhança entre dois seres, a que estamos habituados e com que nos confrontamos em estado de vigília, é apenas um reflexo impreciso da semelhança mais profunda que reina no mundo dos sonhos, em que os acontecimentos não são nunca idênticos, mas semelhantes, impenetravelmente semelhantes entre si.³⁴

A interpretação que Benjamin fez de Proust tem como referência suas reflexões sobre a modernidade. Não interessa, aqui, tecer considerações a respeito da justeza de sua leitura. Muito mais relevante, é distinguir os aspectos dos quais Benjamin abriu mão daqueles pelos quais optou.

No último volume de seu romance, « Tempo Redescoberto », Proust nos revela de forma mais detalhada aquilo que a memória involuntária é capaz de proporcionar. A caminho de uma recepção na residência dos Guermantes, e enquanto esperava na biblioteca o momento propício para adentrar o *buffet* sem interromper a execução de uma peça musical, o narrador é surpreendido três vezes pelos segredos da memória involuntária. Neste trecho, ele nos descreve o encontro proporcionado pela

33 « Não era aliás tão-somente um eco, uma ressonância da sensação passada que acabava de despertar o ruído do encantamento, mas essa mesma sensação. » (Proust, « O Tempo Redescoberto », em *Em Busca do Tempo Perdido*, p. 126.) Sobre a relação do pensamento de Benjamin com a noção de identidade em Proust, cf. Grefrath, Krista R., « Proust et Benjamin », em *Walter Benjamin et Paris*.

34 Benjamin, *idem*, p. 39.

memória, que não podemos comandar, como algo que nos deixa momentaneamente livre da ordem do tempo.

Este encontro ocasional faz renascer no narrador um ente que « só se nutre da essência das coisas, só nela encontra subsistência e delícias ».³⁵ A contemplação que descreve é capaz de proporcionar um encontro com a eternidade, contudo esta realidade é fugidia. Estes raros e fugazes encontros surpreendidos pela memória involuntária são capazes de gerar uma felicidade sem precedentes, pois jogam por terra toda e qualquer insegurança em relação à realidade presente. A eternidade suprime a morte e, deste modo, proporciona a sensação de felicidade, ainda que fugidia.

Quando, em *Sobre alguns Temas em Baudelaire*, Benjamin analisa alguns poemas de *Spleen e Ideal*, estabelece ligações entre o tempo presente no *spleen* e aquele relativo à memória involuntária. Ali, Benjamin nos aponta que o tempo da memória involuntária é sem história. É a mesma afirmação, apresentada de outro modo, que havíamos encontrado algumas páginas antes. Benjamin ressaltara a simpatia de Proust em relação à idéia bergsoniana segundo a qual a verdadeira experiência, proporcionada pela *durée*, nos liberta da obsessão do tempo.³⁶

Se atentarmos para as críticas de Benjamin a Bergson, a respeito da noção de memória desvinculada de uma dimensão histórica, deveremos suspeitar que elas também se aplicam a Proust. É por este motivo que, dez anos antes, no ensaio *A Imagem de Proust*, ressaltara outros aspectos do tema da eternidade na obra de Proust.

Benjamin quer distinguir, em Proust, o tema da eternidade do tema do tempo. Embora admita resquícios de um certo idealismo em Proust, considera não serem estes capazes de determinar a significação de sua obra. Tal como vislumbrara a prática de atribuir relações de semelhança (e não de identidade) na escritura proustiana, observa a possibilidade de uma outra compreensão do tema da eternidade.

Para Benjamin, o tema da eternidade não é tratado por um platonismo que apontaria para a essência como aproximação de regiões superiores, que estariam muito além do burburinho de um mundo sujeito a contingências. Benjamin não poderia abrir mão de pensar a finitude histórica. Ele não sugeriria nada de novo se sublinhasse que a eternidade vislumbrada em Proust está calcada unicamente na reconstituição de um momento passado tal qual ele foi vivenciado. A novidade proposta está relacionada com o que chama de *tempo entrecruzado*.

A eternidade que Proust nos faz vislumbrar não é a do tempo infinito, e sim a do tempo entrecruzado. Seu verdadeiro interesse é consagrado ao fluxo do tempo sob sua forma mais real, e por isso mesmo entrecruzada, que se manifesta

35 Proust, « O Tempo Redescoberto », p. 125.

36 Cf. Benjamin, « Sobre alguns Temas em Baudelaire », p. 131 e 136.

com clareza na reminiscência (internamente) e no envelhecimento (externamente). Compreender a interação do envelhecimento e da reminiscência significa penetrar no coração do mundo proustiano, o universo dos entrecruzamentos.³⁷

Na ligação entre a memória involuntária e o envelhecimento encontraremos a noção de eternidade vinculada a um tempo de entrecruzamentos, tal como Benjamin nos fez ver. Se valorizarmos, no último volume da narrativa proustiana, apenas aquele momento em que o narrador é sacudido pela memória involuntária na biblioteca do príncipe de Guermantes, estaremos deixando de lado sua subsequente descoberta dos traços do envelhecimento nos rostos de antigos conhecidos que há muito não via. Se assim o fizermos, estaremos optando por uma interpretação que compreende a eternidade como infinitude, libertação do jugo do tempo, reconstituição (identificação) do que foi vivenciado no passado.

No entanto, se não formos tão suscetíveis a ponto de nos amedrontarmos com as considerações do narrador sobre o envelhecimento no momento em que adentrou o *buffet*, encontraremos o tema da eternidade visto como tempo de entrecruzamentos. Segundo Benjamin, Proust foi capaz de incorporar as « correspondências » que haviam sido mais intimamente captadas por Baudelaire. A possibilidade de compreender o mundo em estado de semelhança foi vislumbrada por Proust na manifestação da memória involuntária.

Esta memória apresenta um poder rejuvenescedor que nos torna capazes de encarar de frente o envelhecimento. O envelhecimento que, por obra do tempo, nos parece implacável pode ser, deste modo, enfrentado. Contudo, o que significa enfrentar o envelhecimento ? Na perspectiva de Benjamin, não se trata de apontar para uma superação do tempo através da instauração da eternidade infinita. Ao contrário, Benjamin sublinha o elemento da fugacidade constitutivo da memória involuntária. O instante que entrecruza presente e passado é como um *flash* que ilumina durante alguns segundos um acontecimento. O acontecimento iluminado emana reflexos do passado, por isto ele é capaz do efeito de rejuvenescimento.

Mas o que chamamos rejuvenescimento é justamente essa concentração na qual se consome com a velocidade de um relâmpago o que de outra forma murcharia e se extinguiria gradualmente.³⁸

O importante é que esta potencialidade rejuvenescedora não se dá simplesmente porque somos impulsionados momentaneamente para fora da ordem do tempo, mas sim porque vislumbramos o entrecruzamento do

37 Benjamin, « A Imagem de Proust », p. 45.

38 Benjamin, *idem*, p. 46.

passado, tornado infinito³⁹ pela rememoração, com a circunstância contingencial do presente. É porque tornamos, num piscar de olhos, a sentir os limites de nossa existência temporal (e temporária) que somos capazes de considerar significativa a vivência daquilo que Proust denominou de memória involuntária.

Não estamos falando de uma viagem no tempo em que um morador do presente se desloca para o passado e, através deste movimento, encontrando consigo mesmo alguns anos mais novo, contenta-se em estar rejuvenescido. Diferentemente, estamos considerando que o entrecruzamento de passado e presente significa uma concentração do (e no) tempo. A concentração do tempo em um instante não é um movimento até o passado, é a revelação de semelhanças que faz presente e passado sobrepor-se um ao outro. Como já ressaltamos, Benjamin prefere ver em Proust relações de correspondência e não de identificação.

Não podemos dizer com precisão se a compreensão súbita e fugaz revelada pela memória involuntária, através do entrecruzamento do tempo, nos proporciona um choque doloroso ou uma profunda alegria. Seria melhor que nos contentássemos com a caracterização de um sentimento misto. Talvez este mesmo sentimento ambíguo que nos proporciona a embriaguez : de um lado, a felicidade de percebermo-nos como que a alguns centímetros do solo, de outro lado, o risco de ter que enfrentar as seqüelas orgânicas de nosso entorpecimento na manhã seguinte.

A embriaguez e o sonho nos possibilitam reaver algo da capacidade de perceber semelhanças que outrora foi muitíssimo mais vasta.⁴⁰ Quando na vigília somos capazes de apontar as semelhanças entre os objetos, entre os acontecimentos, estamos presos aos limites que o mundo ordenado em redor nos requer. Por isso, Benjamin nos diz que « toda interpretação de Proust deve partir necessariamente do sonho ».⁴¹ Através da compreensão de que a existência é regida pela lei das semelhanças, Benjamin observa em Proust, a possibilidade de romper os limites do acontecimento vivido.

A eternidade que « pertence ao registro da embriaguez »⁴² se distingue da tentativa de suprimir a ordem do tempo como se dá na perspectiva da eternidade como infinitude. Na verdade, ela não significa estar fora do fluxo do tempo, mas sim aprofundar-se neste fluxo revelando uma ordem de tempos entrecruzados.

Ele [Proust] está convencido de que não temos tempo de viver os verdadeiros

39 « Assim, a lei do esquecimento se exercia também no interior da obra. Pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois. » (Benjamin, *idem*, p. 37.)

40 Cf. Benjamin, « A Doutrina das Semelhanças », p. 109.

41 Benjamin, « A Imagem de Proust », p. 39.

42 Benjamin, *idem*, p. 45.

dramas da existência que nos é destinada. É isso que nos faz envelhecer, e nada mais. As rugas e dobras do rosto são inscrições deixadas pelas grandes paixões, pelos vícios, pelas intuições que nos falaram, sem que nada percebêssemos, porque nós, os proprietários, não estávamos em casa.⁴³

Bibliografia

- Benjamin, W., « A Crise do Romance », em *Obras Escolhidas*, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1985, p. 54-60.
- « A Obra de Arte na Época de suas Técnicas de Reprodução », em *Benjamin, Habermas, Horkheimer e Adorno*, São Paulo, Ed. Abril Cultural, 1983, coleção *Os Pensadores*, p. 3-28.
- « Imagem de Proust », em *Obras Escolhidas*, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1985, p. 36-49.
- « O Narrador », em *Obras Escolhidas*, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1985, p. 197-221.
- « Sobre alguns Temas em Baudelaire », em *Obras Escolhidas*, volume III, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1989, p. 104-149.
- Greffrath, Krista, « Proust et Benjamin », in : *Walter Benjamin et Paris : Colloque International*, Paris, Lés Éditions du Cerf, 1986, p. 113-132.
- Löwy, Michael, « Walter Benjamin critique du progrès : à la recherche de l'expérience perdue », em *Walter Benjamin et Paris : Colloque International*, Paris, Les Éditions du Cerf, 1986, p. 629-640.
- Rouanet, Sergio Paulo, *As Razões do Iluminismo*, São Paulo, Ed. Companhia das Letras, 1987.
- Bergson, Henri, *Matéria e Memória : Ensaio sobre a Relação do Corpo com o Espírito*, São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1990.
- Beckett, Samuel, *Proust*, São Paulo, L&PM Editores, 1986.
- Proust, Marcel, *Em Busca do Tempo Perdido*, vol. 1-7, Rio de Janeiro, ed. Globo, 9ª ed.

43 Benjamin, *idem*, p. 46.